Releitura da obra:
Malala

Como lia muito Malala sabia muito, Era com ela que o pai gostava de discutir política, porque Malala tinha opinião sobre tudo.

Na escola é diferente, todos aprendem a pensar, os meninos e as meninas também — em classes separadas, porque é assim no vale do Swat: meninas para cá, meninos para lá. Isso é meio chato, mas, como disse Malala um dia, o importante é estudar

A vida das meninas é um pouco mais difícil que a dos meninos, porque elas ajudam no trabalho doméstico e têm menos tempo para ser criança, brincar e aprender. Mas é também verdade que elas têm uma vantagem: como as mães raramente podem deixar a casa, as meninas são usadas desde pequenas para trazer e levar as fofocas da vila. Então, aprendem a observar e a saber das coisas sem exatamente perguntar. Assim, desenvolvem um talento especial, que levam para a escola, onde aprendem mais rápido e têm as melhores notas. Os meninos ficam furiosos.

Às vezes Malala sentia medo e chorava baixinho, escondida. Daí lembrava ter o nome de uma heroína, Malala de Maiwand . Então enxugava as lágrimas com o véu.

Malala achava o véu das muçulmanas bonito e cobria os cabelos negros e ondulados, o que ajudava a destacar seus lindos olhos amendoados. Cor-de-rosa era o seu véu preferido.

Não eram só bonitos e coloridos os véus da Malala. Serviam também para esconder os livros! Assim, ninguém percebia que ia para a escola. Todos os dias ela fazia um caminho diferente: às vezes seguia pelo rio; noutras, atravessava o mercado. Tudo para despistar os olhares. Quando passava um homem muito barbudo, ela apressava o passo. Porque os homens que proibiram as meninas de estudar e destruíram as escolas no vale do Swat têm a barba muito longa. Faz parte do costume deles.

Eles se chamam talibãs e vivem nas montanhas, muito longe das escolas. Curioso é que “talibã”, na terra da Malala, quer dizer “estudante”. Então, como podem não gostar de quem estuda? Acontece que, quando esses talibãs eram meninos, eles também não puderam estudar e não sabem o valor que isso tem.

Muitos foram tirados de suas famílias quando ainda eram crianças. No Natal de 1978 e soldados soviéticos invadiram o Afeganistão. O conflito se tornou parte da Guerra Fria. As bombas caíam do céu como chuva e milhares de famílias fugiram para o outro lado da fronteira, para viver em campos de refugiados no Paquistão.

Um dia, antes de conhecer a história da Malala, eu visitei um desses campos, o Jalozai. É um lugar muito, muito pobre. As famílias vivem em barracas de lona, sem luz e com frio. As crianças têm de buscar água em poços muito distantes. Andam descalças e sujas porque o chão é de terra e elas tiveram de deixar tudo o que tinham para trás: sapatos, brinquedos, a escola.

seus pai achavam bom por que lá eles teriam uma vida boa com comida estudo roupa limpa etc.

mas como estava em tempo de guerra então os meninos eram ensinados a lutar e a usar armas dez de pequenos.

Um dia, invadiram o vale do Swat e foi quando tudo mudou na vida da Malala.

em 2007 quando Malala finalmente iria fazer 10 anos de idade quando os homens chegaram ao vale aterrorizando crianças e adultos os homens destruíram computadores, câmeras fotográficas e aparelhos de TV, vídeo, DVD e som tomavam-nos das casas e com eles faziam enormes fogueiras nas ruas.

para usa de exemplo eles colocavam os corpos na Green Chowk (Praça Verde), que os moradores passaram a chamar de Khooni Chowk (Praça Vermelha) vermelha da cor de sangue.

As mulheres foram banidas da vida social e proibidas até mesmo de frequentar o bazar.

Mas só se podia ouvir a voz de Fazlullah e ele dizia coisas apavorantes, que traziam pesadelos e tiravam o sono das meninas. Seus discursos ecoavam por todo o vale como os trovões de uma tempestade que se anuncia. Foi pelo rádio que ele mandou noticiar que as meninas estavam proibidas de ir à escola.

— Eu quero ter educação e quero me tornar méd... disse Malala depois de escutar a notícia. Ela ia dizer “médica”, mas mal conseguiu terminar a frase. Levou as mãozinhas delicadas ao rosto, emoldurado pelo véu cor-de-rosa, e chorou.

Ziauddin estava determinado a não deixar a Escola Khushal fechar — ele decidiu que todos deveriam saber o que estava acontecendo no vale do Swat e começou uma campanha.

Malala decidiu começar a escrever um blog e por segurança, escolheu um outro nome para não ser reconhecida: Gul Makai, heroína do folclore pashtun, que na língua da Malala dá nome a uma linda flor azul.

Protegida pelo anonimato, ela continuou escrevendo. Seus posts humanizavam a guerra. Todos conheceram a tragédia do Swat e o drama das meninas por causa do blog da Malala.

O governo do Paquistão prometeu proteger as escolas e o exército enviou soldados ao vale do Swat para lutar contra os talibãs.

Os helicópteros começaram a sobrevoar as escolas e as casas a uma distância assustadora e, quando ouviam o barulho das hélices, as crianças corriam para se esconder.

todos estavam assustados ,Malala tinha muitos pesadelos e tinha medo dos barulhos de tiros , os pais temiam pelas filhas e começaram a se mudar do vale.

Ziauddin decidiu levar a família para passar alguns dias fora do Swat, onde ainda havia paz.

Malala gosta de viajar e conhecer lugares novos mas estava com saudade de casa.

O Exército do Paquistão conseguiu expulsar os talibãs do vale e eles voltaram para seus esconderijos nas montanhas. A guerra acabou e a família finalmente pôde voltar para casa. Só que o Swat já não era como antes. Malala encontrou a cidade vazia, o mercado fechado, as casas abandonadas, muitas delas destruídas. E adivinha que lugar ela quis visitar primeiro? A escola! Mas lá encontrou tudo de pernas para o ar! A placa da Escola Khushal estava jogada no chão, havia carteiras quebradas, pichações, paredes destruídas, outras com marcas de tiros. Os soldados tinham usado as escolas como quartel.

As lojas de música e as barbearias reabriram e os moradores desenterraram aparelhos de TV, DVD e som que tinham escondido debaixo da terra. Com os talibãs longe, Ziauddin revelou que Malala era a menina blogueira.

— Há medo em meu coração — confessou Malala. Olhando por um buraco na parede da escola, através do qual se via todo o vale do Swat, ela disse: — Isso é o Paquistão. O talibã nos destruiu. — Vamos matá-la se não se calar! — prometeram eles, de seus esconderijos no Vale da Morte.

A escola ficava a menos de um quilômetro da casa onde viviam os Yousafzai, mas Malala, por segurança, passou a usar o transporte escolar.

Dois homens em uma motocicleta tinham feito sinal para que Usman Ali parasse. Um deles desceu da moto e se aproximou, perguntando se aquele era o ônibus que levava as alunas da Escola Khushal, embora o nome estivesse pintado em letras garrafais na velha carroceria, desconjuntada pelo uso e já corroída por ferrugem.

Em seguida, o homem pulou na traseira do dyna. “Qual de vocês é Malala?”, perguntou. Seu tom era grave, embora não tivesse exatamente esbravejado. Apoiava com os pés no estribo, segurando com a mão esquerda na armação de ferro que dava suporte à cobertura de plástico da caçamba, onde viajavam vinte alunas e três professoras da Escola Khushal. Na mão direita, ele tinha o dedo no gatilho de uma pistola.

“Eu pensei que fosse alguém querendo encontrá-la”, me disse Shazia. Por isso, não sentiu medo. “Deve ser só um garoto estúpido querendo zombar da gente”, concluiu Kainat. Porém, em seguida, ela viu a pistola na mão do desconhecido e soltou um grito, “o mais alto e agudo que todo o vale já ouviu”, em suas próprias palavras. — Pare de gritar, senão... — disse o homem. Mas antes mesmo de terminar a frase, ele reconheceu Malala. Ao ouvir seu nome na voz do estranho, ela tinha se virado intuitivamente na direção dele. Era a única, entre as meninas, que não tinha o rosto coberto pelo shawl. Então ele atirou. Três vezes! O primeiro tiro atingiu Malala. A segunda bala perfurou o ombro de Shazia, que tinha se curvado para socorrer a amiga, e foi parar no braço direito de Kainat. Outro tiro feriu a mão esquerda de Shazia. Malala caiu para a frente, a cabeça sobre o banco forrado de plástico. Uma das professoras cobriu seu rosto com o véu, que era branco e ficou vermelho.